

MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE A PAISAGEM URBANA DE PORTO ALEGRE

MULTIPLE LOOKS ON THE URBAN LANDSCAPE OF PORTO ALEGRE

Cleusa Maria Gomes Graebin¹
Lúcia Regina Lucas da Rosa²
Rute Henrique da Silva Ferreira³

RESUMO: Este artigo aborda a construção de uma paisagem urbana da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, ressaltando os diferentes olhares sobre a cidade ao longo do tempo. Para tal, empregamos uma metodologia qualitativa baseada em análise documental como registros históricos de viajantes que estiveram em Porto Alegre em diferentes tempos, revisão bibliográfica sobre o conceito de paisagem urbana e produção de fontes imagéticas, especificamente próximas à orla do lago Guaíba, incluindo poemas. O estudo mostrou que tanto nas narrativas de viajantes, quanto nas imagens, os personagens tiveram vivências a partir das quais realizaram a leitura do ambiente da cidade, produzindo paisagem, a partir da sua subjetividade, do seu modelo de belo, organizando os dados e atribuindo-lhe significados e sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: paisagem urbana; viajantes; fotografia; poesia; Porto Alegre.

ABSTRACT: This article addresses the construction of an urban landscape in the city of Porto Alegre, Rio Grande do Sul, highlighting the different perspectives on the city over time. To this end, we employ a qualitative methodology based on documentary analysis such as historical records of travelers who were in Porto Alegre at different times, a bibliographic review on the concept of urban landscape and the production of image sources, specifically close to the shore of Lake Guaíba. The study showed that both in the travelers narratives and in the images, the characters had experiences from which they read the city's environment, producing landscape from their subjectivity, from their model of beauty, organizing the data and attributing meanings and senses to it.

KEYWORDS: urban landscape; travelers; photography; poetry; Porto Alegre.



10.23925/2176-4174.34.2025e68930

¹ Doutora em História (Unisinos). Universidade La Salle. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2919-5687>
E-mail: cleusa.graebin@unilasalle.edu.br

² Doutorado em Letras (UFRGS). Universidade La Salle. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0715-8471>
E-mail: lucia.rosa@unilasalle.edu.br

³ Doutorado em Sensoriamento Remoto (UFRGS). Universidade La Salle. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2782-626X> E-mail: rute.ferreira@unilasalle.edu.br

Recebido em: 30/10/2024.

Aprovado em: 02/02/2025.

Publicado em: 20/02/2025.

Introdução

A definição do objeto deste artigo nasceu de nossas pesquisas, produções técnicas e artísticas voltadas para estudos sobre literatura, história e geoprocessamento, envolvendo cidades da Região Metropolitana de Porto Alegre. Entre os temas por nós estudados, estão aqueles que tratam sobre o conceito de paisagem urbana.

Entre as possibilidades de trabalho aventadas, optamos por dirigir nossos olhares para Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, fundamentadas em um argumento central, ou seja, o de que diferentes olhares sobre a cidade têm, ao longo do tempo, construído uma paisagem urbana, notadamente a que se refere à chamada “Orla do Guaíba”.

Entendemos que a paisagem de uma cidade ou um espaço desta estão relacionados a testemunhos do passado que têm sido construídos a partir das suas realidades, de olhares de viajantes, do imaginário sobre ela, dos modos de viver, enfim dos aspectos culturais locais. Pesavento (2002) escreveu que uma cidade não é feita só de pedras, mas que no seu início há um sonho, um mito, imaginários e, neste sentido, colocamos a paisagem urbana e a multiplicidade de olhares que se cruzam na sua abordagem e na atribuição de sentidos.

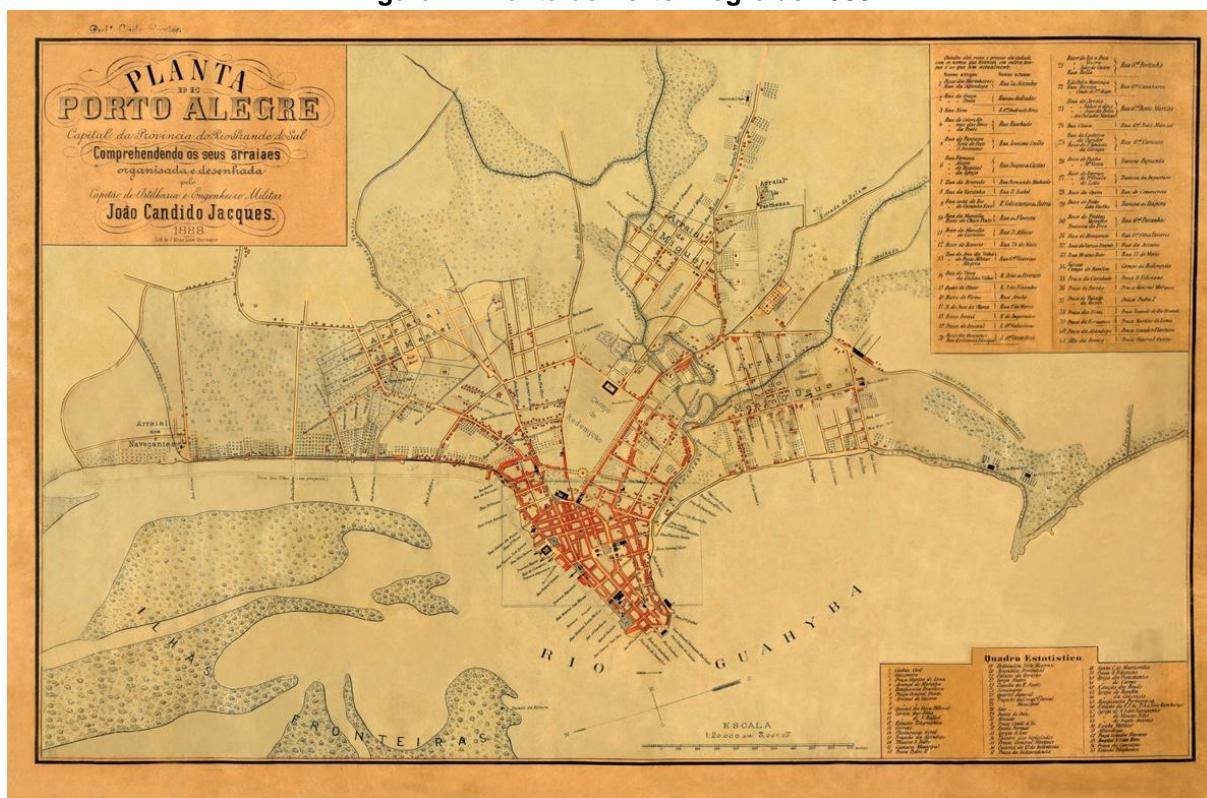
Cabe aqui, trazermos alguns dados históricos sobre Porto Alegre, espaço habitado inicialmente por povos originários, provavelmente guaranis, fato atestado por vestígios arqueológicos (Flores, 2004). Sua colonização, iniciada nas primeiras décadas do século XVIII, deu-se com distribuição de sesmarias, nos então chamados Campos de Viamão⁴, entre elas, as que foram doadas a Sebastião Francisco Chaves (1736), Jerônimo de Ornellas Menezes (1744) e Vasconcellos e Dionísio Rodrigues Mendes (s/d). Inicialmente, possuía função militar, se constituindo como anteparo a possíveis penetrações de espanhóis. Os colonizadores dedicaram-se à criação de

⁴ Áreas de terras devolutas com cerca de 18 km de comprimento por 6 km de largura.

gado (muares, equinos e bovinos), à plantação de trigo, mandioca, cana-de-açúcar, entre outros. Em 1752, a cidade recebeu um contingente de populações vindas de ilhas do Arquipélago dos Açores.

O traçado da cidade seguiu aquele chamado de tabuleiro de xadrez, sem preocupação com as inúmeras ladeiras, o que provocou a existência de uma série de becos e ruas sem saída. As principais foram abertas em direção ao Guaíba. Seu crescimento urbano teve impulso na década de 1920, quando cresceu um movimento de migração para a cidade e iniciou a construção de inúmeras vilas nos seus arrabaldes, surgindo periferias sem as mínimas condições de infraestrutura. Geograficamente, a cidade é formada, em termos de relevo, por morros do Maciço de Porto Alegre, Planícies Aluviais (decorrentes dos rios Jacuí, Sinos, Caí e Gravataí) e Ilhas. Em 2024, a estimativa do IBGE é que Porto Alegre conta com 1.389.322 habitantes. Na sequência apresentamos uma planta de Porto Alegre de 1888 (Figura 1) e um mapa de 2023 (Figura 2).

Figura 1 - Planta de Porto Alegre de 1888



Fonte: Acervo do IHGRGS. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL. Cartografia Virtual Histórico-Urbana de Porto Alegre. Porto Alegre, 2005.

Figura 2 - Mapa do município de Porto Alegre com limites vigentes (2023)



Fonte: Observatório de Porto Alegre, 2023. Disponível em [Limites de Porto Alegre - Google My Maps](#). Acesso em 20 out. 2024.

O mote central para este estudo está relacionado ao próprio processo de criação da cidade com sua face voltada para as águas do Guaíba⁵. Ali se constituiu o início do povoamento e da urbanização acompanhando a orla, espaço que veio a se constituir como centro histórico. É este o recorte que adotamos e que nossas sensibilidades entendem como tendo sentido e função. Neste artigo, trazemos relatos de outros tempos, bem como textos literários (poemas) e imagens de 2022.

Investigamos, então, a construção de uma paisagem urbana de Porto Alegre e, para tal, empregamos uma metodologia qualitativa baseada em análise documental como registros históricos de viajantes que estiveram em Porto Alegre em diferentes tempos; revisão bibliográfica sobre o conceito de paisagem urbana e produção de fontes imagéticas. Os testemunhos encontrados são de pessoas que vivenciaram o

⁵ Diversos autores defendem que o Guaíba não é um rio, mas sim, um lago.

ambiente a partir do qual realizaram a leitura da cidade de Porto Alegre, descrevendo em seus relatos sob seus enfoques pessoais. Já as imagens que trazemos na última parte do artigo, partem de olhares que pretendem provocar o encantamento desta urbe voltada para as águas.

1. Paisagem Urbana

O conceito de paisagem é amplo e possui interseção com diversos campos como geografia, arquitetura, artes plásticas, psicologia, meio ambiente, de modo que necessita ser estudado e analisado para que seja possível compreender sua concepção histórica, social, econômica, artística e, mais recentemente, ecológica (Polette, 1999).

Conforme Bonametti (2020), as paisagens urbanas não são lidas apenas por meio do que vemos, mas também através daquilo com que nos identificamos, que nos traz sensações, nos remetendo aos objetos, luz, cor, sons e memória. O autor ressalta que

A paisagem urbana também é o reflexo da relação entre o homem e a natureza, e pode ser vista como a tentativa de ordenar o entorno com base em uma paisagem natural. E o modo como ela é projetada e construída reflete uma cultura que é o resultado da observação que se tem do ambiente e também da experiência individual ou coletiva com relação a ele (Bonametti 2020, p.109).

Assim, a paisagem urbana incorpora a dimensão da cultura ao espaço (Gomes, 2004) e reflete sobre as diversas definições dadas ao termo ao longo da história, auxilia-nos a compreender sua complexidade e refletir sobre o seu uso nesta década de 2020.

Conforme Bonametti (2020), o conceito de paisagem só começou a se difundir a partir do século XVIII, ligado à natureza, embora a percepção de paisagem sempre estivesse no cotidiano da sociedade e a expressão daquelas construídas tenha exercido influência nas condições da vida dos seres humanos. O quadro 1, a seguir, construído com base em Polette (1999), Bonametti (2010) e Collot (2011), ilustra o histórico do conceito de paisagem.

Quadro 1 - Histórico do conceito de paisagem

| | |
|---------------------------|---|
| Etimologicamente | A origem da palavra paisagem está ligada a um conceito rural de território, <i>pagus</i> . Nos países anglo-saxônicos e germânicos, está mais relacionada com o espaço geográfico. |
| Renascimento | O termo passou a ser associado à pintura, sendo que os paisagistas são os pintores de paisagens. |
| Século XVI | Paisagem como a representação de um lugar a partir da percepção de um observador. |
| Século XVII | O conceito se fortaleceu, com as paisagens rurais como espaço de lazer. |
| A partir da Renascença | A ideia de paisagem vai se firmando como um mosaico de elementos naturais e não-naturais, passíveis de serem captados pelos sentidos humanos em um determinado momento, a partir de um determinado local. |
| Séculos XVI, XVII e XVIII | Início de um intercâmbio universal de ideias que elevou as artes da paisagem, do nível de desenho local e doméstico ao conceito moderno de planejamento global. |
| Século XIX | A. Von Humboldt, pioneiro da geobotânica e da geografia física, definiu paisagem como “as características totais de uma região da Terra”. |
| Séculos XIX e XX | Geógrafos adicionam as modificações realizadas a partir das atividades humanas aos lugares, introduzindo os conceitos de paisagem industrial, paisagem das minas e paisagem urbana. |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Polette (1999) acrescenta concepções atuais ao conceito de paisagem, ressaltando a diferença entre paisagem natural (aspectos físicos de um lugar, não modificados pelo homem), cultural (paisagem modificada pelo homem) e urbana (elementos naturais e artificiais que compõem a cidade). Já Bonametti (2010, p. 271) argumenta que “no contexto da paisagem urbana contemporânea, é muito importante a compreensão entre a experiência paisagística atual com o conhecimento do passado”, de modo que é importante entender como a paisagem urbana é concebida

em cada momento histórico como consequência da manifestação do poder (quadro 2).

Quadro 2 - Concepções de paisagem urbana na História

| | |
|---|--|
| Civilizações do mundo antigo | Estabelecimento de relação de sobrevivência com o entorno e buscava-se controlar e embelezar a paisagem urbana. Tais relações davam-se dentro de uma área definida, onde se desenvolvia a vida comunitária. |
| Civilizações pré-colombianas do México e da América Central | A base da organização cultural e religiosa era a adoração ao sol. Construção de centros ceremoniais que dominavam a paisagem da cidade (Mayas e Astecas) contrastando com a preocupação com a sobrevivência (Peru). |
| Egito | Dependência total e irrestrita ao ritmo da natureza. |
| Grécia | Demonstravam um controle do entorno e do seu destino. A essência da paisagem urbana retratada em sua arquitetura apresentava uma completa harmonia com o entorno. |
| Roma | Desenvolveu uma forma de organizar a paisagem urbana, onde a contemplação da natureza constituía um fim em si mesmo, pois os deuses mais populares entre os romanos eram o da agricultura e o da fertilidade. |
| Idade Média | A preocupação do homem era mais a sobrevivência da alma do que a construção da paisagem urbana, de modo que desenvolveu-se durante esse período, uma visão simbólica da realidade. |
| Renascimento | Todos os campos do conhecimento humano sofreram modificações, influenciando também a construção da paisagem e o planejamento das cidades. |
| Século XVIII | A paisagem assumiu um caráter mais arquitetônico, passando a ser bela e utilitária, marcando o início da inserção dos parques e jardins na paisagem da cidade. |
| Século XIX | Concepção da paisagem como um sistema unificado das funções urbanas e rurais, onde o reconhecimento da articulação da paisagem definia as formas da paisagem urbana. |
| Século XX | Cullen (2010) trouxe propostas de abordar o espaço urbano tanto pelos seus aspectos visuais quanto por sua estética, ou seja, buscou organizá-lo visualmente, de modo a despertar emoções nos seus habitantes ao captá-lo e experimentá-lo. Apostava nas forças emotivas a serem provocadas pela apropriação do ambiente, a partir da identificação com este, criando vínculos e pertencimentos. |

| | |
|----------------------|---|
| | <p>Lynch (2006) buscou dar resposta às leituras realizadas pelo indivíduos, levando em consideração não só a estrutura, mas os sentimentos identitários destes, com a ideia de evocar imagens fortes a partir dos impactos emocionais a serem provocados pelos elementos da cidade.</p> <p>Gehl (2013) e Careri (2013) apostam nas experiências humanas nas cidades, nos encontros entre pessoas, na leitura que fazem a partir de caminhadas, construindo conhecimentos e narrativas. Desta maneira, essas percepções deverão servir de instrumento para pensar as cidades a partir da dimensão humana, das suas sensações, experimentações, identificação emocional e expectativas.</p> <p>O novo papel da paisagem urbana passou a ser entendido como o solucionador dos problemas morais e sociais.</p> |
| Paisagem pós-moderna | <p>O desenho urbano é o objeto no qual se sintetizam todas as funções e os conhecimentos para a composição dos espaços.</p> |

Fonte: Elaborado pelas autoras, adaptado de Bonametti (2020).

Assim, a análise do quadro 2 mostra que “as necessidades e desejos definiram formas e funções por meio da intuição, imaginação, inteligência e cultura” (Bonametti, 2010, p. 271).

Acrescentamos ainda, o que nos apresenta Collot (2018, p. 26), quando informa sobre as dimensões da definição de paisagem, ou seja, seus caracteres físicos, culturais e a percepção que dela temos, isto é: “[...] a maneira de vê-la ou de representá-la”. Também devemos atentar para o que ele propõe como noção de horizonte, isto é, o que permite ao observador distinguir o que está próximo ou distante, visão de conjunto ampla ou limitada ao mesmo tempo, produzindo uma imagem plena de sentido e de valor. Assim, segundo o autor, é possível ver a cidade como paisagem, desde que três elementos estejam em consonância: a natureza, a cultura e aquilo que está no entorno do espaço urbano. Baudelaire (1962) traz perspectivas “de dentro do espaço urbano”: as ruas, campanários, indústrias, chafarizes, jardins, monumentos, o céu, a terra e os dramas que ela abriga entre outros, circundada pela natureza.

O crescimento das cidades, a partir da industrialização trouxe mudanças no modo de percebê-las. Se por um lado, procurou-se dotá-las de grandes avenidas arborizadas, praças, parques, jardins, políticas higienistas e arquitetura preocupada com alinhamentos de fachadas e paisagismo, por outro, trouxe sua expansão, muitas vezes, para espaços afastados e por vezes insalubres, sem planejamento, com

carência de habitações e espaços para encontros, com aspecto de transitoriedade, fragilidade e perda de significado da paisagem urbana. Na próxima seção abordaremos depoimentos sobre a orla da cidade de Porto Alegre-RS e sua mudança de um espaço pouco habitado para um *point* da cidade, atraindo turistas de outras cidades de todo o país.

2. Paisagem Urbana de Porto Alegre

Nesta seção, trazemos uma reunião de depoimentos em diferentes tempos sobre Porto Alegre. Nossa intenção é oferecer um recorte de visões sobre a paisagem urbana de Porto Alegre, pois como indicava Pesavento (2002, p. 9), uma cidade pode ser mote para diferentes discursos que “[...] se justapõem, compõem ou se contradizem [...]”. Iniciamos com testemunhos de viajantes que passaram pela cidade no início do século XIX, tempo em que, de acordo com Graebin e Penna (2015) a malha urbana iniciava sua expansão. Heinrich Trächsler descreve em 1828, suas primeiras impressões sobre a cidade, construindo uma imagem que segundo ele:

[...] proporciona aos olhos uma surpreendente e encantadora visão no meio de duas grandes enseadas [...] as ilhas e o serpentear dos cinco rios que se apresentam aos olhos como os cinco dedos de uma mão aberta [...] as almas sensíveis, ao contemplar estas cenas da natureza, vêem-se transportadas para uma amena, indescritível e deliciosa sensação (TRÄCHSLER apud NOAL FILHO e FRANCO, 2004, p. 60).

Auguste de Saint-Hilaire, em 1820, informava que:

Percebe-se logo que Porto Alegre é uma cidade muito nova. Todas as casas são novas e muitas estão ainda em construção. Mas, depois do Rio de Janeiro não vi cidade tão suja, talvez mesmo mais suja que a metrópole. (SAINT-HILAIRE apud NOAL FILHO e FRANCO, 2004, p. 39).

Nestes relatos, podemos observar elementos que nos trazem os viajantes, a partir de um ponto de vista exterior, isto é, baseado em filtro - a sua própria realidade - tendo um padrão cultural por meio do qual buscavam traduzir aquilo que seus olhares percebiam.

Ao final do século XIX, Antônio Lopes Mendes, médico português que visitou Porto Alegre, descreve-a dizendo que a cidade:

[...] de qualquer lado que se contemple, oferece um aspecto encantador. [...] As ruas, calçadas de granito e com passeios de grés, são largas, cortam-se em ângulos retos e prolongam-se na direção dos quatro pontos cardeais. As praças são arborizadas e adornadas de vistosos chafarizes monumentais de

ferro e mármore, que abastecem a cidade com água potável, que vem do arroio denominado Dilúvio; todas elas são iluminadas a gás, tendo amplas lojas de comércio nos principais arruamentos. (MENDES apud NOAL FILHO e FRANCO, 2004, p.196).

Acompanhando alguns olhares de viajantes pela Porto Alegre do século XIX, constatamos que estes produziram paisagens a partir da sua subjetividade e do seu modelo de belo: uma apreensão sensorial a partir do modo de olhar que organiza os dados e que atribui significados e sentidos. Collot (2018) informa que a definição da paisagem percebida inicia a partir do ponto de vista do sujeito observador, da sua posição e do seu campo visual. Este é limitado, porém, e percebido como parte de espaço mais vasto, de forma conceitual e simbólica.

Neste sentido, apresentamos, neste trabalho, uma última manifestação de viajantes em Porto Alegre, estes chegados em 1907. Tratava-se de um grupo de religiosos da Congregação Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs que vieram à cidade para abrir escolas no Rio Grande do Sul. Transcrevemos a seguir, algumas de suas percepções durante o seu primeiro dia na cidade depois de longa viagem, saídos do porto de Marselha, França.

Amanhecemos no ‘Porto Alegre’ embuçado num espesso manto de nevoeiro a ocultar-nos a desejada meta. Às 6 horas rasgou-se o escuro véu, aparecendo aos nossos olhos embevecidos o belo panorama da cidade tantas vezes imaginada e falada. Era o dia 29 de abril de 1907 (Ir. Bernardo, apud Compagnoni, 1980, p. 153).

Como ninguém nos esperava, requisitamos dois carros de praça, como então existiam, puxados por uma parelha de dois cavalos geralmente magros, ao mando de cocheiro bastante serviçal. O primeiro veículo aceitou os cinco Irmãos mais leves, cabendo ao segundo os quatro restantes menos leves. A parelha deste não tardou a empacar na Praça 15 de Novembro, vendo-se o cocheiro obrigado a chamar um colega, e a rogar aos quatro passageiros baldearem-se para outro carro. Até hoje nos ficou enigmático o insólito caso (Ir. Bernardo apud Compagnoni, 1980, p. 453).

Depois do café, não tardamos nada para ir fazer nossa visita ao R. Pe. Moreau. O mesmo, porém, adiantou-se-nos vindo ao nosso encontro e fazendo-nos embarcar nos bondinhos de mulas. Estas nos divertiram bastante, pois a cada chicotada do condutor correspondia um valente coice contra a chapa dianteira do veículo (Ir. Bernardo apud Compagnoni, 1980, 454-455).

Homens e mulheres vestem-se à francesa, diria mesmo que a maneira de vestir é mais elegante, mais rebuscada, entre os brasileiros (Ir. Pedro apud Compagnoni, 1980, p. 175).

Ir. Bernardo relata visita à chácara dos padres Capuchinhos, no arrabalde do Partenon: “de uma aprazível colina, de cujo vértice se desfruta uma

esplêndida vista panorâmica sobre a capital riograndense" (Ir. Bernardo, apud Compagnoni, p. 456).

Do Ir. Bernardo percebe-se que o observador relata ambientes geográfico, costumes, vestimentas, meio de transporte, considerando situações do cotidiano de forma irônica se comparados aos dias atuais. As percepções dos viajantes construíram imagens sobre Porto Alegre resultantes de um processo que envolveu observador e ambiente. Este, de acordo com Lynch (2006, p. 16), "sugere distinções e relações, e o observador - com grande adaptação à luz dos seus objetivos próprios - seleciona, organiza e dá sentido àquilo que vê".

Existem outras maneiras de fazermos a leitura da paisagem urbana, entre elas a fotografia. Para nos aproximarmos do uso desta em relação à Porto Alegre, revisamos a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações-BDTD, da CAPES, utilizando os seguintes descritores:

- a) *Fotografia e cidade; Porto Alegre* - uma tese (Possamai, 2005) e duas dissertações (Coelho, 2011; Lampert, 2013).
- b) *Fotografia e cidade; Porto Alegre; paisagem urbana* - uma tese (Soares, 2014).

Em "Conhecidos de vista: a cidade revelada através de olhares, janelas e fotografias", dissertação desenvolvida no Mestrado em Artes Visuais, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Letícia Lampert executa um projeto que explora as relações público-privado, a paisagem urbana e o conceito de vista. Para tal, parte de uma fotografia intitulada Sol da Manhã: uma mulher sentada próxima a uma janela que descortina uma paisagem urbana ao fundo e ao longe. Avançando na explicação da metodologia, a autora traz elementos sobre o modelo de Cidade Jardim, surgido em 1898, a partir do arquiteto urbanista inglês Ebenezer Howard, em sua obra Garden Cities of To-morrow. Trata-se de:

[...] tentativa de organizar e segmentar algo que, por definição, é orgânico e dinâmico: a vida das pessoas dentro de uma cidade. Nestes moldes, as cidades perderiam justamente seu caráter mais espontâneo, tornando-se excessivamente padronizadas e sem atrativos (Lampert, 2013, p. 35).

A dissertação de Letícia Lampert apontou para algo que nos remeteu às visões dos viajantes que passaram por Porto Alegre: a convivência das pessoas na e com a cidade, a vida pulsante nos seus diferentes espaços. Foi justamente isto que nos levou

a trazer neste trabalho, discussões sobre imagens da paisagem urbana da orla do Guaíba, Porto Alegre, a partir de um percurso poético. Neste sentido, reportamo-nos a Benjamin (1994), quando informa que a vivência, por si só, não é suficiente para termos conexão com lugares. É preciso a experiência, isto é, narrar o que vivemos.

Em “O território mito da orla: antropologia de conflitos territoriais urbanos e memórias ambientais em Porto Alegre, RS”, tese defendida em 2014 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Ana Paula Marcante Soares apresenta um estudo etnográfico sobre os conflitos territoriais decorrentes do processo de transformação da paisagem urbana da orla do Lago Guaíba, em Porto Alegre. A autora busca compreender a construção material e simbólica desse espaço, ressaltando as continuidades e descontinuidades dos sistemas de valores, identidades sociais e memórias em jogo nesses territórios, indo ao encontro de Bonametti (2020) quando menciona a diversidade de sensações, sua vitalidade e o sentido de lugar e a suas sequências de vistas.

Ao finalizar sua tese, Soares informa que:

A essa imagem da orla sul idealizada nos planos urbanos da cidade sobreponemos outras tantas a partir dos múltiplos sentidos atribuídos pelos habitantes da região Cristal às mudanças na paisagem urbana. O fluxo contínuo de interações sociais no enquadre do tempo, vimos, revelou as múltiplas formas da paisagem e os sentidos atribuídos à ela, criados e recriados na adesão dos habitantes da região Cristal aos espaços de interação social. Apreender o processo de transformação da paisagem urbana da orla, ou das paisagens urbanas pelo viés da memória coletiva dos habitantes nos seus espaços cotidianos, é sobrepor pertenças territoriais diversas pelas experiências de viver essas paisagens nas suas diferenciações (Soares, 2014, p. 247).

Assim, Soares (2014) enfatiza as múltiplas sensações observadas em relação à paisagem dependendo do olhar de cada observador. Compreender a mudança na paisagem requer que esses olhares se confluam, formando memórias coletivas.

Outra produção sobre Porto Alegre e a construção de imagens da cidade, foi a tese construída por Possamai (2005). Em “Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos-Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930”, a autora investiga a relação fotografia e cidade, tendo como fontes álbuns de 1920 e 1930. Nestes, a autora detectou intenção de visualidade da cidade de acordo com um novo imaginário de cidade - ou seja o da modernidade. Ao finalizar sua pesquisa infere que, mesmo havendo o desejo de dar a ver uma cidade moderna, com altos edifícios,

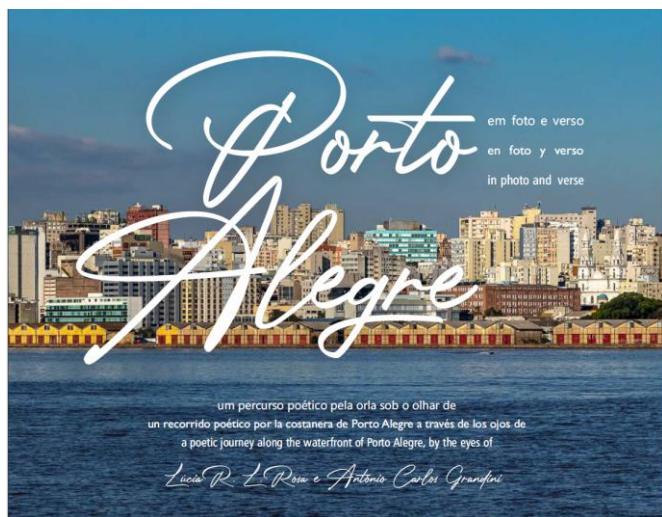
ruas remodeladas e novas praças, isto não se consolidou, pois deu a ver os vestígios da cidade colonial ainda presentes nos espaços do que se chamou de Centro Histórico.

O trabalho de Letícia Castilhos Coelho (2011), intitulado “Revelando a paisagem através da fotografia: construção e aplicação de um método: Porto Alegre vista do Guaíba”, discute elementos da relação sociedade-natureza durante o que trata como acumulação de tempos, ou seja, múltiplas camadas de ações socioculturais em percurso no tempo. Utilizou como fontes, vistas fotográficas de Porto Alegre a partir do Guaíba em diferentes períodos. Ao final, conclui que são os sujeitos que, no seu cotidiano fazem a paisagem e que a fotografia é uma forma de acessar o passado, como também de incorporar novos elementos pelos olhos de um fotógrafo.

3. Porto Alegre em Foto e Verso

Considerando-se os estudos sobre paisagem urbana, exemplificamos com o livro *Porto Alegre em foto e verso - um percurso poético pela orla sob o olhar de Lúcia R. L. Rosa e Antônio Carlos Grandini* (2022).

Figura 3 - capa do livro



Fonte: Antônio Carlos Grandini (2022)

Trata-se de um livro trilíngue com fotos e poesias publicado no ano em que a cidade gaúcha de Porto Alegre completava 250 anos de existência. O livro buscou

deixar registrado, por meio de poesias e de fotos, uma homenagem às mudanças recentes na cidade quanto a sua orla, destacando a beleza e visibilizando mais a cidade de Porto Alegre para todo o país e para o mundo.

Os textos poéticos exploram o tema do olhar, ressignificando os espaços urbanos:

Porto Alegre, na orla, na onda
Quem anda pela orla do Guaíba, em Porto Alegre,
viaja pelo olhar em uma cidade que cresceu
e se fez imensa junto às suas águas (p. 2)

Figura 4 - Cais do Porto, Porto Alegre-RS



Fonte: Antônio Carlos Grandini (2022)

Desde o início, a autora anuncia que o livro se desenvolve pelo seu olhar com a intenção de provocar o encantamento, a junção da cidade com as águas do Guaíba. Cada texto dialoga com a fotografia, estando ambos lado a lado nas páginas, ou seja, cada texto corresponde a uma ou mais de uma foto e vice-versa. No prefácio, Wrana Panizzi e Mauro Meirelles compararam o olhar dos autores com os versos já consagrados do poeta Mário Quintana que, outrora, descreveu em versos a cidade e enalteceu o seu crescimento, descreveu as suas ruas, praças e os poucos movimentos de pessoas que circulavam pelo centro da cidade. Assim, temas sobre a paisagem da orla porto-alegrense são recorrentes e dedicam-se a tornar o lugar único e marcante para quem o observa. Trata-se de 103 textos e suas respectivas imagens fotografadas poeticamente descrevendo o ambiente em um cenário aliado à natureza.

Figura 5 - Lago Guaíba



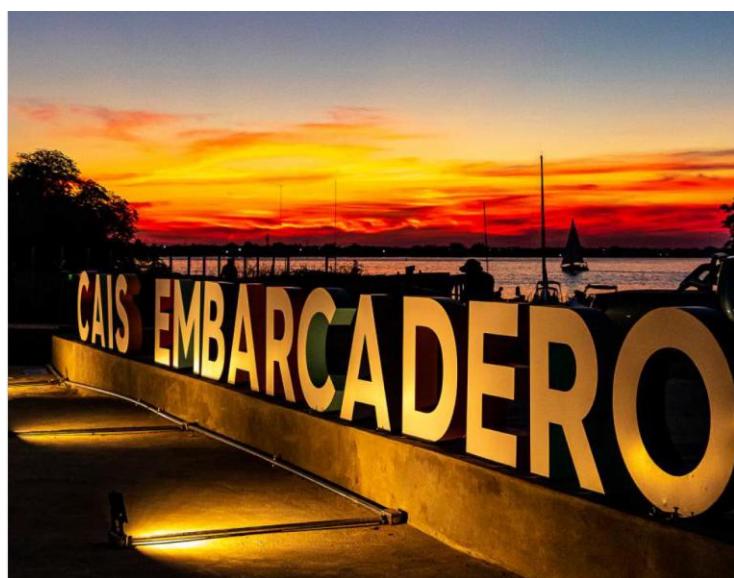
Fonte: Antônio Carlos Grandini (2022).

Nessa escrita há vários adjetivos referindo-se à cidade, como: alegre, descontraída, descolada, divertida, animada, encantada, terra acolhedora, simpática, atraente em seus contrastes, alegria rivalizada. Até mesmo os contrastes se unem na glamourização do local. Há referências ao passado e ao futuro em: memorável, promissor, admirável e, em alguns textos, destaca-se a história do lugar e seu patrimônio, como o Monumento aos Açorianos.

A linguagem típica do lugar é abordada como um diferencial de outras formas de se comunicar, como: bah, tchê, refri, pandorga, chimarrão, bem capaz e expressões gaudérias para as quais não há tradução porque o sentido vai além de uma especificidade, dotada de um significado único, que está ambientado no Estado do Rio Grande do Sul e somente nele faz sentido.

Este olhar pela cidade está explícito no poema “A cidade vista da água”, no qual há uma tentativa de se isentar de emoções e mostrar a cena de quem está fora da cidade, passeando de barco. Igualmente há um olhar para o Lago Guaíba em “Na janela do olhar do Cais Embarcadero”.

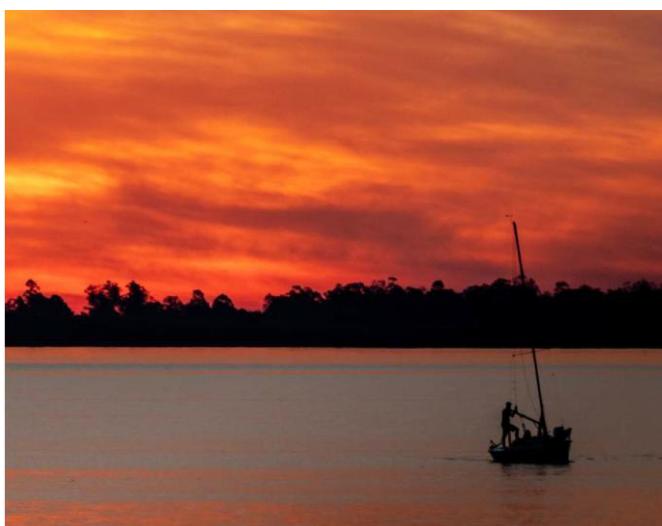
Figura 6 - Cais Embarcadero



Fonte: Antônio Carlos Grandini (2022).

Porém o verbo que se sobressai é “admirar”, o que aproxima e puxa o leitor para “os encantos” ali presentes. Em outro poema, o verbo “ver” é igualmente destacado sob o título “O que vê quem navega?” E a resposta aparece sob forma de desfile em formas e cores, em um enaltecimento da paisagem. Outro elogio aparece de forma sutil, em um trocadilho pelo nome da embarcação sob o título do poema “Porto alegre 10 - Turismo”; em uma proposta de evidenciar o quanto a natureza é valorizada e habita a orla da cidade. O mesmo ocorre em “Caminhos cruzados” no qual o poema descreve as águas como essência da cidade e da vida. Em “Uma bicicleta ao sol”, há um curtir da natureza em uma sedução dourada pelo pôr do sol. E o pôr do sol se mostra como um cenário de moldura para o olhar, nas expressões: pôr do sol em show, o sol se põe, desaparece na despedida do dia, o astro-rei mergulha todos os dias, o pôr do sol despede-se do dia, gente-água-sol em simbiose, o astro-rei preenche vazios, o sol se despede das embarcações, sol que vai.

Figura 7 - Pôr do Sol



Fonte: Antônio Carlos Grandini (2022).

Além de mostrar a cidade estática nas imagens, há outro aspecto que revela o movimento: a pista de skate remete a poemas carregados de palavras e expressões como: voar no cimento, convite a circular, olhos volteiam-se, acrobacias, contornos móveis, pose oblíqua, direções infindáveis. Além do skate, os barcos também movimentam o cenário em: barcos que vêm, no movimento do barco, contornos de passeio.

Por fim, há o encontro de objetos e pessoas, “integrando as pessoas à paisagem”. Essas imagens do livro pretendem fazer um convite a novos olhares para a cidade de Porto Alegre, para que novas escritas possam ser realizadas.

4. Considerações finais

Este artigo pretendeu mostrar o olhar de um cidadão-fotógrafo e a escrita poética de uma cidadã que vivem na cidade de Porto Alegre e, além de observarem a exuberante natureza próxima ao lago Guaíba, resolveram registrar suas impressões em livros. Assim, compartilha-se com leitores e apreciadores paisagens renovadas e mais valorizadas pelos registros. Transformar em palavras uma cena de admiração faz com que a cidade seja única para quem a descreve e, pela publicação, igualmente é oferecido aos leitores para apreciarem tanto *in loquo* quanto pelas fotos e textos.

Tanto nas narrativas de viajantes, quanto nas imagens fotográficas existem vários elementos simbólicos que trazem valores que extrapolam aqueles mercadológicos e/ou de planejamento urbano, visando a gestão da paisagem a partir da lógica do mercado. Trata-se de sujeitos e paisagem que interagem, construindo pontes que ligam o humano ao ambiente e à preservação deste.

Finalizamos com uma citação de Benjamin que trata a fotografia como imagem dialética:

A imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é a dialética na imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal, a do ocorrido com o agora é dialética - não de natureza temporal, mas imagética. [...] A imagem lida, quer dizer, a imagem no agora da cognoscibilidade, carrega no mais alto grau a marca do momento crítico, perigoso, subjacente a toda leitura (Benjamin, 2006, p. 505).

Referências bibliográficas

BAUDELAIRE, Charles. **Curiosités esthétiques**. Paris: Garnier, 1962.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BONAMETTI, João Henrique. A paisagem urbana como o produto do poder. **Revista Brasileira De Gestão Urbana**. v. 2, n. 2, 2010. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/Urbe/article/view/19287>. Acesso em: 24 out. 2024.

BONAMETTI, João Henrique. Paisagem urbana bases conceituais e históricas. **Revista Terra & Cultura: Cadernos De Ensino E Pesquisa**. v. 20, n. 38, 2020. Disponível em: <http://publicacoes.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/1332/1222>. Acesso em: 24 out. 2024.

COELHO, Letícia Castilhos. **Revelando a paisagem através da fotografia: construção e aplicação de um método**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: O caminhar como prática estética. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

COLLOT, Michel. Ver e viver a cidade como paisagem. In: GRAEBIN, Cleusa; BERND, Zilá; SILVA, Maria Luiza Berwanger (Orgs.). **Memória social e cidade: práticas, representações e imaginários**. Canoas: Ed. Unilasalle, 2018.

COLLOT, Michel. Pontos de vista sobre a percepção das paisagens. **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro, v. 20, n. 39, p. 21-32, 1990.

COMPAGNONI, Ivo Carlos. **História dos Irmãos Lassalistas no Brasil**. Canoas: La Salle, 1980.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Lisboa: Edições 70, 2010.

FLORES, Moacyr. Origem e fundação de Porto Alegre. In: DORNELLES, Beatriz. **Porto Alegre em destaque**: história e cultura. Porto Alegre: EDUPURS, 2004.

GEHL, Jan. **Cidade para pessoas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GOMES, Paulo César da Costa. A paisagem urbana como reflexo de uma cultura: algumas observações a propósito do Canadá. **Espaço e Cultura**. v. 17, p.7-15, 2004.

GRAEBIN, Cleusa Gomes; PENNA, Rejane Silva. Mulheres em festas: a vida em movimento na memória de viajantes estrangeiros na Porto Alegre do século XIX. **Revista Conexão Letras**, v. 6, n. 6, 2015. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/55517>. Acesso em: 25 out. 2024.

GRANDINI, Antonio Carlos. ROSA, Lúcia Regina Lucas da. **Porto Alegre em foto e verso**. Porto Alegre: Cirkula, 2022.

LAMPERT, Letícia. **Conhecidos de vista**: a cidade revelada através de olhares, janelas e fotografias. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - UFRGS, Porto Alegre, 2013. Disponível em [000903901.pdf](http://repositorio.ufrgs.br/handle/10183/3901). Acesso em 20 out. 2024.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NOAL FILHO, Valter Antonio; FRANCO, Sergio Costa. **Os viajantes olham Porto Alegre**, Porto Alegre: Anaterra, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano. Paris. Rio de Janeiro. Porto Alegre. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS. 2022.

POLETTI, Marcus. Paisagem: uma reflexão sobre um amplo conceito. **Turismo - Visão e Ação**. Ano 2, n.3, p.83-94, abr/set -1999. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rtva/article/view/1190>. Acesso em: 24 out. 2024.

SOARES, Ana Paula Marcante. **O território mito da orla:** antropologia de conflitos territoriais urbanos e memórias ambientais em Porto Alegre, RS. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - UFRGS, Porto Alegre, 2014. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/108940>. Acesso em 29 out. 2024.